



QUE FOI DE?

Alonso Vidal debruça-se sobre as aldeias hippies na Galiza. Eram holandeses, alemães, portugueses ou americanos, que cultivavam as pequenas hortas que rodeavam a aldeia e cuidavam alguns animais, na procura dumha forma de vida auto-sustentável. Muitos deles chegavam sem conhecer nada da dureza do mundo rural de montanha agravado polas condições ambientais, faltas de vias de comunicação, e formas de vida de começos do século XX.

CRIAÇOM

Celebramos o verao e a recessom económica com um conto escuro de Samuel Solleiro. Este autor, músico, e membro fundador de Estaleiro Editora, escreve desde bem cedo. Em 2001, publicou o livro de relatos *Elexías a Deus e ao Diaño*, e em 2006 *dz ou o libro do esperma*.

CINEMA PARA PENSAR

Francesco Traficante comenta este mês o filme *A Casa das Cotovias* (2007), umha coproduçom entre Itália, França, Espanha e Bulgária. Conhecido este filme também como *O destino de Nunik*, nome da protagonista, e dirigido polos irmaos Paolo e Vittorio Taviani, está baseado no romance da italo-arménia Antonia Arslan.

TEMPOS MODERNOS

Aprender a emoçom de cozinhar

Erica do Cabo

A cozinha foi tradicionalmente o lugar de transmissom de conhecimentos relativos à alimentaçom, mas hoje em dia este espaço está em perigo. A modernidade tem deteriorado as antigas pautas através das quais era transmitida a cultura culinária, que sempre estivo nas maos das mulheres e foi transferida de jeito informal. Assim, hoje aprendemos a cozinhar nom olhando como o fam as mulheres da família, mas atendendo ao que nos dim nos programas da televisom (quase sempre um homem) ou pondo em prática as receitas que lemos num livro. O

jeito antigo de aprender em comum proporciona-nos um conhecimento direto, emocional e experimentado daquilo que comemos: ao ingerirmos um alimento, estamos a lembrar umha pessoa, legitimando o seu conhecimento e estreitando o vínculo emocional com ela. Cheirar aquilo que nos ensinou a cozinhar a nossa mae fainos vir à memória um universo de sensaçoms e emoçoms que nos vinculam com a família e com a casa. A sociedade moderna, já a partir do surgimento da escrita, mas sobretudo a partir da apariçom dos meios audiovisuais, semelhou significar a transmissom

da legitimidade sobre o conhecimento culinário das mulheres cara a umha série de especialistas como chefes de cozinha, nutricionistas ou jornalistas. E digo que semelhou porque nom acabamos de confiar no que nos di nenhum destes entendidos, resistimo-nos a acreditar em que o que nos dim desde a distância seja mais acertado do que o que nos figêrom cheirar, cortar e cozer as nossas achegadas.

A aprendizagem culinária estivo baseada tradicionalmente na prática e na reproduçom. As indicaçoms orais, os gestos e os rituais fôrom transmitidos dumha para outra geraçom mediante a imitaçom. Este tipo de aprendizagem, baseado na experiência direta, afunde-se na nossa memória inseparável das sensaçoms

maçã ou o ruído que fazia a pota do caldo fervendo toda a manhã. Trata-se dum âmbito feminino que converte a mulher em depositária da autoridade sobre as decisoms tocantes à alimentaçom. Vemos como fam as cousas as mulheres da casa e acabamos por fazê-lo do mesmo jeito quando nos tocar, as mais das vezes sen nos darmos conta. Esta estreita vinculaçom com o contexto e com as pessoas é típica da comunicaçom oral tradicional e está vinculada à transmissom dumha memória coletiva que reconhece umha série de hábitos.

A transmissom oral da cultura culinária que vimos de descrever quase tem desaparecido nas últimas geraçoms, pois a eclosom de informantes culinários alternativos à mae acarretou um desprestígio das práticas adquiridas oralmente, assim como das pessoas que as entesouravam e transmitiam: as mulheres que cozinham nas casas. Esta perda é-nos imposta como lamentável, pois se as indicaçoms vêm por via oral, as nossas margens de açom são muito maiores, convertendo-nos em agentes ativos desse reinventar-se em

comum que constitui a memória coletiva. Frente à transmissom escrita, que é meditada, unipessoal e solitária, preferimos aprender a cozinhar de jeito espontâneo, compartilhando com outras pessoas e construindo comunidade. E sobretudo se pensarmos que até há bem poucos

A aprendizagem culinária estivo baseada tradicionalmente na prática e na reproduçom. As indicaçoms orais, os gestos e os rituais fôrom transmitidos dumha para outra geraçom mediante a imitaçom. Este tipo de aprendizagem, baseado na experiência direta, afunde-se na nossa memória inseparável das sensaçoms físicas que tivemos naquele momento na cozinha

anos os documentos escritos fôrom elaborados polas elites para elas mesmas. Compartilhando cozinha com aquelas pessoas com as quais convivemos, nom apenas nos alimentamos e desfrutamos, mas estamos a participar na construçom dumha identidade e dumha memória coletiva popular.



físicas que tivemos naquele momento: a aprendizagem na casa com a mae evoca-nos lembranças como o cheiro daquela torta de



QUE FOI DE?

Os estereótipos dominantes achegam-nos a aspetos superficiais ocultando o que foi um dos movimentos mais espontâneos e autênticos da sociedade ocidental do último século.

Os jovens hippies de finais dos anos sessenta, iniciaram uma cultura contestatária e antibeliscista. Ideias de anarquia não violenta, preocupação pelo meio ambiente e um rejeitamento frontal ao materialismo ocidental da época.

Nos anos cinquenta, nos EUA a generalização do consumismo de massas e melhorias económicas, conduziu a um aletargamento social e a um declive nas lutas populares e operárias. As posições cómodas e burguesas da época começavam a ser rejeitadas pela juventude e a instituição familiar tradicional entrava em crise e deixava de desempenhar o papel histórico de “núcleo de contenção afectiva”. Começava também a estender-se o movimento de libertação feminina e a luta aberta contra a discriminação étnica.

O contato direto com a natureza, sem artifícios modernos, a procura dumha vida mais “espiritual”, longe do aborrecido e medíocre mundo burguês, do que a maioria deles provinham, configurou as bases do recém-nascido movimento hippie.

A sociedade burguesa era conservadora, cómoda, com atitudes de luta pelo poder e competência. Em contraposição, eles reuniam-se em comunas, constituídas como organizações livres e sem hierarquias.

Na Galiza

Com a sua expansão pela Europa nos anos oitenta, chegou ao estado espanhol, distribuindo-se nomeadamente na costa mediterrânea.

No nosso país começavam a instalar-se preferentemente em zona de montanha, inacessível em muitos casos, e adequando, mais do que reabilitando, vivendas de aldeias abandonadas. Chamavam a atenção dos aldeões aqueles moços de roupa frouxa e de cores que se diziam que viviam “livremente” repovoando alguma aldeia isolada, perto dum rio talvez, onde não chega nem a luz eléctrica, nem há água corrente.

Eram holandeses, alemães, portugueses ou americanos, que cultivavam as pequenas hortas que rodeavam a aldeia e cuidavam alguns animais, na procura dumha forma de vida auto-sustentável.

Rodeáram-se de certa aureola de anti-sistema, misturados de míticos princípios de amor livre e droga abundante, mas muitos deles chegavam sem conhecer nada da dureza do mundo rural de montanha agravado pelas condições ambientais, faltas de vias de

Aldeias hippies na Galiza

Se perguntássemos a qualquer estudante adolescente sobre os hippies, obteríamos talvez referências inconexas a um estilo de roupa, a aspetos desalinhadados, barbas compridas, fitas de cabelo, carrinhas de cores e flores, e algum concerto de música multitudinário

Alonso Vidal



ALVA VIDAL

comunicação, e formas de vida de começos do século XX.

Aldeias como Ermes, Foxo, Vilauxim ou Cavada, foram referentes da “ocupação hippies” na Galiza. Nessas comunas rurais foram concebidas e nascidas crianças de nomes sonoros – Tuiami, Selen, Uxue, Kuyén – que hoje vivem espalhadas em cidades da Europa.

Apesar do seu carácter afável e pacífico, a integração nem sempre foi fácil. Aos autóctones custava-lhes entender o caminho de volta que empreendiam aqueles moços e moças procedentes das cidades da Europa – as mesmas cidades aonde eles e os seus filhos emigravam – para um lugar abandonado com as mesmas condições de atraso de que eles queriam fugir.

O que fica disso todo?

Negueira de Munhiz é um dos “concelhos hippies” da Galiza. Numha parte, ampla comuna na década de 1980. A atual Alcaide do BNG é belga e provém dessa comuna. Na sua casa não tem televisom

e a luz eléctrica provém de placas solares. Trabalha a terra e cuida ovelhas, mas acha-se totalmente implicada na transformação do

Rodeáram-se de certa aureola de anti-sistema, misturados de míticos princípios de amor livre e droga abundante, mas muitos deles chegavam sem conhecer nada da dureza do mundo rural de montanha agravado pelas condições ambientais, faltas de vias de comunicação, e formas de vida de começos do século XX

seu contorno e nas condições de vida dos seus vizinhos. Frente ao caciquismo tradicional da direita, esta hippie de segunda geração representa a integração social e modernidade acorde com a natureza. E obtém resultados: é o único concelho do estado espanhol onde o PP não teve nem um só voto.

No concelho da Lama – tradicionalmente emigrante como confirmam as casas de Gajate –, confiante com o de Ponte Caldelas, instalou-se há décadas um coletivo de hippies ocupando as aldeias da zona da Cavada. Para chegar ali devemos dirigir-nos de Forçans a Gajate, e na entrada da vila subir para a direita por umha ladeira quase impraticável; entre curvas, pinheiros e carvalhos, num par de quilómetros divisaremos as primeiras casas “ocupadas”. Hoje, o tortuoso caminho de acesso está coberto totalmente de cimento e, se quisermos, poderemos chegar com o carro quase até à última casa da aldeia.. Se nos primeiros tempos da chagada hippie, as vivendas careciam de água, gás ou eletricidade, hoje os canos de PVC

do abastecimento de água municipal veem-se sem soterrar, nas curvas dos caminhos e algumas delas vão vertendo água que desce em regueiros pelo declive asfaltado. Os postes de luz e telefone percorrem a parte baixa da aldeia, ligando cada casa – salvo umha de roupa tendida na varanda. No ascenso podemos ver colchons amontoados debaixo dum carvalho, o clássico “metálico” – de cama abatível, isso sim –, fechando umha pequena horta, carros estacionados nos lugares onde o caminho é um bocadinho mais largo e muitos restos de brinquedos de miúdos acima de pedras e muros. Na parte mais alta da aldeia, um Opel familiar novo e dois velhos Mercedes, dos antigos, sem a famosa estrela de diante. Ao redor de cada casa podemos ver hortas cultivadas em socos misturadas com partes de fentos e ervas altas. As tubagens modernas de água permitem regar os cultivos numhas improvisadas estufas de plástico branco. O bosque é meste e a muitas hortas apenas chega a força do sol. Algum cão peludo ladra desde o eido dumha casa minimamente reabilitada e podemos ver umha égua muito magra, umha carrinha Volkswagen descomposta – das típicas do imaginário hippie – e alguns botes de sprays de fertilizantes ou pesticidas – talvez só tenham água – ao lado dumha caixa de alface preparada para ser plantada. Os poucos e pequenos hórreos estão desfeitos, apenas as pedras chave ficam em pé. Algumas das casas foram modificadas toscamente, subindo algum muro com pedras mais miúdas e completando telhados desequilibrados altos e mal encaixados nas paredes circundantes. Os regueiros por onde a água corria entre as casas agora estão secos mas são percorridos já por tubagens de borracha descobertas que são pouco atrativas à vista mas que indubitavelmente solucionam o problema da sua carência na época do Verao. Umha roda de bicicleta deitada contra um muro dumha horta. Na última casa, de amplo portom de pedra apenas ficam as grossas paredes e um enorme carvalho abre-se passo no meio da casa sem teto como símbolo do poder da força da natureza frente à ocupação humana.

Da casa melhor conservada sai um senhor com barba nem tam comprida como esperávamos e enormes “rastas”. Saudamos. Falamos com ele. “A maior parte de nós voltou à cidade, cansado desta vida”. Sobe a um dos Mercedes velhos estacionados em frente, carregado de tábuas e roupa, e perde-se rapidamente, declive abaixo, caminho da “civilização”.



A FOTO

Sole Rei

Entre o 30 de junho e o 3 de julho, o porto de Carril encheu-se de embarcações tradicionais chegadas de distintos pontos da Galiza, mas também do País Basco, Catalunha, Portugal ou França. A décima edição do Encontro de Embarcações Tradicionais da Galiza, que a cada dois anos celebra a Federação Galega pola Cultura Marítima e Fluvial, devolveu às docas de Carril o seu carácter mais marinheiro, e deixou gravada na retina dos que por ali passaram a imagem de mais de cento e cinquenta velas enchidas polo vento surcando as águas arouçanas. Frente à costa da Ilha de Cortegada, desabitada desde há mais de cem anos e hoje convertida em Parque Nacional depois de décadas nas mãos da família real espanhola, milhares de pessoas congregaram-se para desfrutar de dornas, racus, botes de vela latina, galeões, trincados, batéis e demais tipologias de barcos; um autêntico museu temporal da cultura marítima onde mais de 700 tripulantes e centenas de vizinhos da vila se esforçaram por mostrar todo o legado patrimonial, material e imaterial, acochado entre nassas e aparelhos.

CRIAÇOM

No pólo oposto das construções faraónicas vazias de sentido e das homenagens florais descontextualizadas, está a criação. No *NOVAS DA GALIZA* pensamos que o verdadeiro

activo cultural do nosso país som os galegos e galegas, e com essa ideia inauguramos este espaço de criação. Com cada novo número achegamos um texto literário para

gozarmos das nossas letras, num projecto em que todos e todas estades convidados a participar. Escreve para literaria@novasgz.com.

Celebramos o verão e a recessão económica com um conto escuro de Samuel Solleiro (Tui, 1982), autor de *dz ou o libro do esperma* e *Elexías a Deus* e *ao Diaño*; também é membro da Estaleiro Editora e da banda Ataque Escampe.

No templo com os doutores

Chega respirando forte. Os olhos inchados e a língua lenta como um mamífero aquático. Ela acorda, não pode não acordar. Ele conta-lhe do seu horror. São as seis da manhã. Fora tomar uns vinhos com o doutor Lemberg e o doutor Kruseiten (ela não faz ideia de quem são estes senhores e tudo parece um sonho que continua) e num momento dado o vinho transformava-se nalguma coisa com coca-cola e, ao final, a noite abria-se em todas as direções. Disse-o exactamente assim: em todas as direções. Tudo é muito raro. A noite acaba numa igreja. Foram a uma igreja, a nada em especial. Não sabem como estava aberta à noite. Lemberg e Kruseiten não acreditam em Deus, não acreditam em nada, às vezes um diria que tampouco acreditam no estafilococo nem no bacilo de Hansen. São bebedores habituais, diz, tipos com a face vermelha que contam piadas aos pacientes. Muitos acham graça ao sotaque alemão. Na igreja há, havia, o normal: São Lourenço, Santa Cecília. Mas atrás dumas colunas há também um Cristo horroroso, muito branco, tudo costelas e sangue. Há que falar mais desse sangue: é praticamente negro e rodeia-lhe as chagas e a coroa de espinhas, mas também Lhe sai pela boca e Lhe tinge os lábios. A melena e a barba são de cabelo autêntico. Os doutores rim, põem

os pés nos bancos e cantam uma canção bávara. Ele está abatido: essas feridas. As feridas do Cristo são tão profundas e tão escuras que o arrastam a uma vertigem como só pode dar pensar no infinitamente pequeno ou no infinitamente sagrado. De cativo na escola aprenderam-lhe a rezar às feridas de Cristo, uma oração diferente para cada uma: à ferida do pé esquerdo; à ferida do pé direito; à ferida da mão esquerda; à ferida da mão direita; à ferida do santíssimo lombo. Tudo isto produzia, produz, uma comunhão com a dor e com o sofrimento dEle. Tudo lhe dói, portanto. Vomita uma maré de vinho tinto contra uma



ALBA VÍÑAS

por Samuel Solleiro

coluna. Lemberg e Kruseiten ordenam-lhe colocar os pés em alto. Os dous fumam. Ela, depois, acaricia-lhe a cabeça e ele conta-lhe como era estar com os pés em alto, bêbedo e aterrorizado, e olhar boca abaixo o Cristo semioculto na penumbra, como à espreita, com todo o Seu sangue e a face de sofrer eternamente.

A história é falsa: o doutor Lemberg era um professor da faculdade de Medicina que teria agora, se vivesse, cento e onze anos, e o doutor Kruseiten simplesmente nunca existiu. Não visitou igreja nenhuma, nada; bebeu só em bares semivazios para tratar de esquecer a adolescente a que extirpou o apêndice nalgum momento da tarde, extremadamente pálida, com as unhas dos pés pintadas de negro e um bafomet tatuado na coxa e que lhe provocou uma erecção –talvez a primeira em tal contexto– e um desconcerto de dimensões cósmicas. Bêbedo, arrastou-se pelas sombras. Vomitou num muro e masturbou-se noutro, pouco antes de chegar à casa. Amanhã não irá trabalhar e manterá toda a vida a versão dos doutores até um dia, aos oitenta e três anos, quando conte a um neto sobre aquele ventre branco que houve que abrir, e o neto sentirá, por esta ordem, nojo e compaixão pelo seu avó e depois esquecerá a história.



LÍNGUA NACIONAL

éMundial

Valentim R. Fagim

De 4 a 9 de julho, a Agal, a associação que preside, organizou o éMundial. Fôrom mesas redondas, música, projeções, dança, conta-contos, exposições... eventos de diferente natureza com umha finalidade central: mostrar que a nossa língua é Mundial.

Por que organizamos o éMundial? Porque os galegos e

as galegas fomos e somos educados na crença de que a língua que falo no meu dia a dia nom é a mesma língua que a da amiga Jeanne, da Bahia, ou a da Aline, de Luanda. O que nunca nos explicárom é que ganhamos com esta perspetiva.

O guiom que escrevem para a nossa língua é que nom sai dos limites do Estado espanhol, onde está enclaustrada. Fala-se no oci-

dente das Astúrias ou de Samora, mesmo nalguns lugares da Extremadura mas nom se fala em Chaves ou em Valença, ou no Brasil ou em Angola. Mais umha vez pergunto-me: e que ganhamos nós com isso?

É o mesmo guiom que nos diz que nom serve para todas as cousas, para ler um autor estrangeiro, para ver filmes legendados, para usar o computador ou navegar na rede... É o guiom que nos apresenta a nossa língua como um problema e umha incomodidade quando realmente é umha riqueza e umha oportunidade. Ser galego, ser galega, na verdade, é espetacular.

Ser da Galiza éMundial.



CINEMA PARA PENSAR

A casa das cotovias

Francesco Traficante

Conhecido este filme também como “O destino de Nunik”, nome da protagonista, e dirigido polos irmaos Paolo e Vittorio Taviani, está baseado no romance da italo-arménia Antonia Arslan. Esta mulher é descendente de umha família arménia que logrou escapar do genocídio arménio que os membros do Partido da Juventude Turca instigárom e levárom a cabo no transcurso da Primeira Guerra Mundial, sobretudo no ano de 1915. Esta matança continua a ser um tema polémico numha Turquia que ainda se nega a reconhecer o óbvio: que por razons religiosas, militares e mesmo económicas, houve umha sanha e vontade de extermínio total da populaçom arménia, com umha cultura e religiom cristás que nom condiziam com um Estado de religiom islâmica e cultura otomana, que já na altura os tratava como cidadãos de segunda. Portanto, um misto de inveja (polo seu dinheiro) e afám homogeneizador provocou o assassinio ao tiro, por fome, torturas e violaçom de milhons de homens, mulheres e crianças, onde nem estas últimas foram poupadas das violaçoms e assassinatos maciços por parte dos soldados

turcos. As mulheres e crianças fôrom deportadas ao deserto sem comida nem água, com a desculpa oficial de que iam ser levadas para Itália e outros países aliados da França (estamos a falar de um conflito mundial onde a Turquia estava aliada com o Império Austro-Húngaro).

O filme é interessante por apresentar um tema ainda inusual. Mas, do meu ponto de vista, adoece de certo preciosismo, sempre presente nos filmes italianos, e que neste caso resta um bocado de credibilidade a umha história que é realmente dura. O namoro entre Nunik e o oficial turco também nom acaba de ser algo que contribua para o desenvolvimento da história, ainda que imagino que aparece por estar no romance original. Um outro defeito é que nom aparecem as razons de tanta violência e extermínio de umha forma clara para o público espectador. De facto, às vezes parece que o filme se centra demasiado nas intra-histórias e relaçoms pessoais de Nunik com os soldados turcos, deixando mais de lado a história coletiva de um povo que foi quase exterminado. Contudo, e umha vez que se tem informaçom por outras vias deste primeiro genocídio da história contem-

porânea, o filme resulta umha ilustraçom muito interessante de um acontecimento histórico talvez nom demasiado tratado polo cinema, sobretudo se o valorizarmos em funçom das suas dimensões. Só poderia falar de um outro filme que também trata o tema dignamente, e dirigido polo realizador egípcio Atom Egoyan, intitulado “Ararat”, do ano de 2002, onde o genocídio é tratado parcial mas muito eficazmente. Esperemos que no futuro sejam realizados mais filmes que nos ajudem a melhor entender e conhecer factos como este, que nunca mais se devem repetir.

O filme é interessante por apresentar um tema ainda inusual. Mas, do meu ponto de vista, adoece de certo preciosismo, sempre presente nos filmes italianos, e que neste caso resta um bocado de credibilidade a umha história que é realmente dura

